

Crítica // Lobisomem ★★★

Ferocidade incontida

Ricardo Daehn

Até a chegada de um testamento, via correios, muito na vida do protagonista de *Lobisomem*, Blake (Christopher Abbot), parece estabilizado: em Nova York, com a família feliz, nem sonda o futuro áspero. Marcado por um trauma, ele carrega um dever exagerado de proteger quem o cerca. No passado, Grady (Sam Jaeger) foi um pai que exagerou na pressão: “Não é difícil morrer” e “Fica do meu lado”, balizam o filho, praticamente, adestrado.

Diretor e roteirista, Leigh Whannell, que comanda *Lobisomem* (com roteiro coescrito pela estreante, e atriz, Cobert Tuck), há cinco anos impressionou com a releitura de *O homem invisível*. Agora, com automutilação, deformidades, fratura exposta e comportamentos animais estampando a tela, Whannell abraça uma violência mais gráfica e sugere menos peso no terror psicológico. Na decaída da postura humana, Blake apenas ameaça certo desajuste social (prévio). Tudo se intensifica

LOBISOMEM UNIVERSAL



Lobisomem:
um pesado
drama
familiar
invadido pelo
terror

quando ele avança na densidade da floresta do Oregon, com ânimos exaltados depois de sérios problemas na segurança dos parentes.

Uma das abordagens interessantes no filme está em atitudes decisivas das personagens femininas. Ainda que traga alguns momentos que

remetem a brigas em canis, um grande acerto está no vies subjetivo reservado ao monstro. Tonto, mareado e suado, com sentidos bem alterados, ele evoca sutileza, diante de confusões de som e imagens e de limitações na racionalidade. Junto com a ferocidade, tudo intensifica a tensão.

Crítica // Aqui ★★

Dispensável ao extremo

De risco e duvidoso — criado a partir de uma graphic Novel de Richard McGuire —, o novo filme de Robert Zemeckis (*Forrest Gump*, 1994) grita por desembocar em confusão. Partindo da pré-história, avançando pelos tempos de colonização, Tateando eras de invenções e guerras, não há nada que não soe a ambição (nunca cumprida). Com o mesmo Tom Hanks que encarou

viagens no tempo, no complexo filme de Tom Tykwer e das irmãs Lana e Lilly Wachowski, *A viagem* (2013), de quase três horas, *Aqui* traz roteiro de Eric Roth (um dos colaboradores de *Duna*) e Zemeckis.

Diante da gana do diretor de *Náufrago* (2000) e *O expresso polar* (2004) investir em tecnologia, o fiapo de história se dissolve. Política, ascensão econômica, belicismo,

emancipação — tudo é motivo de abordagem no filme, sempre desenvolvido a partir de um ponto fixo: o tal aqui do título. Revestido por efeitos e a velocidade de um gordo videoclipe, nada se sustenta na dinâmica que explora Richard (Tom Hanks), a relação dele com a esposa Margaret (Robin Wright) e o pai dele Al (Paul Bettany). Com uma edição inicialmente original

assinada por Jesse Goldsmith (do *Pinóquio*, de 2022, com Hanks), o filme se encaminha para a monotonia, a partir de redundantes (formas) e temas — que vão de arrependimentos em escolhas não feitas e a passagem implacável do tempo. São elementos que gritam frente aos espectadores que teimem em acompanhar a massaroca gráfica embalada por Zemeckis. (RD)

clube 50% DE DESCONTO

NOVIDADE!

MOCHILA DO

CHICO BENTO

SOMENTE NOS CINEMAS

COLECIONÁVEL CINESYSTEM clube da Pipoca

Promoção válida enquanto durarem os estoques. Imagem meramente ilustrativa. Consulte os preços no caixa.